

**NADA  
MENOS QUE UM  
MILAGRE**



MARKUS ZUSAK

**NADA  
MENOS QUE UM  
MILAGRE**

TRADUÇÃO DE MIGUEL ROMEIRA

 EDITORIAL PRESENÇA

## Nota do Autor:

Em inglês, barro é a tradução de *clay* — uma palavra com dois significados distintos. Tanto representa o diminutivo do nome próprio, *Clayton*, como dá nome ao material usado para construção, olaria e escultura. Ambos os significados são importantes em, *Nada menos que um milagre*, uma vez que Clay é o nome do protagonista e também o material. O livro pode ser lido sem que se conheça este duplo sentido, mas entendê-lo ajuda a compreender a personagem, a sua história e a sua ponte.

Com os melhores cumprimentos,

Markus Zusak

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Bridge of Clay*

Autor: *Markus Zusak*

Copyright © Markus Zusak 2018

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Miguel Romeira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagens da capa @ Arcangel e Getty Images

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, abril, 2019

Depósito legal n.º 452 484/19

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Excerto de *Gallipoli* (1981) reproduzido sob autorização de David Williamson AO

Excerto de *Momentos de Glória* (1981) reproduzido sob autorização do Estate de Colin Welland e Enigma Productions

Excerto de *Mad Max: As Motos da Morte* (1979) reproduzido sob autorização de George Miller

Para o Scout, o Kid e o Little Small,  
para a Cate,  
e em saudosa memória de K. E.,  
que amava muito a *linguagem*.

ANTES DO COMEÇO

**A TRAQUITANA**

No começo, houve um assassino, uma mula e um rapaz, mas isto não é o começo, é antes disso, sou eu, o Matthew, é o meio da noite e aqui estou na cozinha — onde a luz desagua — a martelar o teclado da máquina de escrever. À minha volta, a casa em silêncio.

Os outros estão todos a dormir.

Estou sentado à mesa da cozinha.

Somos apenas eu e a máquina de escrever — eu e a traquitana, como o nosso desaparecido pai dizia que a nossa falecida avó costumava dizer. Aliás, ela até dizia «o rai'da traquitana», mas eu nunca fui muito de idiossincrasias. Sempre fui mais de andar cheio de nódoas negras, era o «sensato», e distinguia-me pela minha altura, por ser forte, pelos palavrões que dizia e por às vezes me dar para o sentimento. Se vocês forem como a maioria, neste momento estarão a perguntar-se como conseguirei eu sequer alinhar uma frase, quanto mais se saberei alguma coisa sobre os poemas épicos ou sobre os gregos. Por vezes, dá jeito menosprezarem-nos dessa maneira, mas o melhor é mesmo quando aparece alguém que se apercebe do nosso potencial. Eu fui um dos sortudos.

Porque, no meu caso, houve a Claudia Kirkby.

Também havia um rapaz, que era filho e irmão.

Sim, no nosso caso houve um irmão especial, e foi ele — de cinco que éramos — quem arcou com tudo aos ombros. Como sempre, foi ele a dizer-me, só entre nós, a saber perfeitamente o que estava a fazer, e acertou em cheio, claro. Havia *mesmo* uma velha máquina de escrever enterrada naquele velho jardim das traseiras numa velha cidade nas traseiras de tudo, mas eu teria de medir muito bem, senão corria o risco de desenterrar antes uma cadela morta ou uma cobra (e desenterrei mesmo, tanto uma como outra). Mas entendi que, se já dera com a cadela e com a cobra, então a máquina de escrever tinha de estar também por ali.

Era perfeito. Era um tesouro. Só faltavam os piratas.

Foi no dia a seguir ao do meu casamento. Agarrei na carrinha e arranquei.

Deixei a cidade.

Segui noite adentro.

Quilómetros e quilómetros sem nada à vista. Nada e mais nada até perder de vista.

A cidade propriamente dita parecia saída de uma história, era um lugar remoto e inóspito que se avistava de longe. Numa paisagem cor de palha e debaixo de um não acabar de céu. Em redor, vegetação rasteira com fartura e eucaliptos mais junto à orla da cidade e era verdade, raios, afinal estas coisas são mesmo verdade: lá, as pessoas andavam curvadas e parecia que se arrastavam. Aquele mundo vergara-as.

À porta do banco, junto a um dos muitos *pubs* que por ali havia, uma mulher indicou-me o caminho. Talvez ninguém ali na cidade andasse de costas tão direitas como aquela mulher.

— Vê ali Turnstile Street? Corte à esquerda. Vai sempre em frente aí por uns duzentos metros e depois torna a cortar à esquerda. — Tinha o cabelo castanho, vestia bem, calças de ganga, botas e uma camisa vermelha sem enfeites, e ia falando com um olho fechado por causa do Sol. Traía-a um único detalhe: o triângulo de pele invertido na base do pescoço; pele velha, cansada e sulcada de rugas, como uma pega de um malão de couro. — Entendeu tudo?

— Sim, senhora.

— Já agora, que número procura?

— O vinte e três.

— Ah, vem ver aquele velho casal, os Merchison, é isso?

— Bom, se quer a verdade, não é bem isso. — Ela aproximou-se mais e então reparei-lhe nos dentes, de um branco ofuscante, porém amarelos, não muito diferentes do Sol quando se arma em fanfarrão. Quando ela se aproximou, estendi-lhe a mão, e ali estávamos, ela, eu, os dentes dela e aquela cidade.

— Chamo-me Matthew — apresentei-me. Ela era a Daphne.

Quando já estava de novo ao volante, ela voltou-se e veio na minha direção; estivera a levantar dinheiro na caixa automática do banco. Até se esquecera do cartão na máquina e agora ali estava, parada e de mão na anca. Eu estava sentado ao volante e ela assentiu. Já percebera. Tinha ar de saber tudo ou quase tudo, como as pivôs das notícias.

— Matthew Dunbar.

Era uma afirmação e não uma pergunta.

Ali estava eu, a doze horas de estrada da minha casa, numa cidade onde jamais pusera o pé em trinta e um anos que vivera, mas, de alguma maneira, toda aquela gente já estava à minha espera.

Olhámo-nos demoradamente — alguns segundos foram, de certeza — e tudo ficou claro, tudo veio à luz do dia. Começou a surgir gente a andar sem pressas pela rua.

— E o que mais sabe? — perguntei. — Sabe que vim por causa da máquina de escrever?

Ela desfranziu o outro olho.

Enfrentou o sol do meio-dia.

— Máquina de escrever? — Agora é que eu lhe tinha trocado as voltas. — Mas de que raio está a falar?

Como quem vai à deixa, um velho pôs-se então aos berros, a perguntar se era o malvado cartão bancário dela que estava a empatar o malvado trânsito na malvada caixa automática e ela correu a ir tirá-lo de lá. Talvez eu pudesse ter-lhe explicado — que havia, *de facto*, uma traquitana barulhenta metida nesta história toda, vinda do tempo em que nos consultórios médicos se usavam máquinas de escrever e havia sempre uma secretária a martelar as teclas. Se a Daphne estaria ou não interessada em ouvir a explicação, jamais saberei. Mas sei, isso sim, que as indicações dela não poderiam ter sido mais na muche.

Miller Street:

Um silencioso alinhamento de pequenas casas muito compostinhas e a torrarem ao sol.

Estacionei, fechei a carrinha e atravessei o relvado ressequido.

Foi mais ou menos nessa altura que lamentei não me ter feito acompanhar pela rapariga com quem acabava de casar — rapariga, não, mulher e, também, a mãe das minhas duas filhas — e, claro está, pelas ditas filhas. As duas teriam adorado aquela cidade, ter-se-iam posto logo a andar, a saltitar e a dançaricar por ali fora, pernilongas e com os cabelos da cor do Sol. Teriam atravessado todo aquele relvado a fazerem rodas umas a seguir às outras, sempre a gritarem: «Nada de nos verem as cuecas, hã?»

Bela lua de mel a minha.

A Claudia a trabalhar.

As miúdas nas aulas.

Claro que parte de mim (uma parte enorme) continuava a gostar disso (a gostar mesmo muito).

Respirei fundo e bati à porta.



Entrei e a casa parecia um forno.

A mobília estava calcinada.

As fotografias pareciam acabadas de saltar da torradeira.

Eles tinham um aparelho de ar condicionado, mas estava avariado.

Ofereceram-me chá e biscoitos de manteiga e o sol dava em cheio na janela. A mesa ficou alagada em suor. Escorria dos braços para a toalha.

Eram boa gente, os Merchison, e ele era muito peludo.

Estava com uma camisola interior de alças azul e tinha umas enormes suíças, pareciam dois cutelos de açougue, mas feitos de pelo, um em cada face. A mulher chamava-se Raelene. Usava brincos de pérola, tinha o cabelo todo aos caracóis e não largou a sua mala de mão. Disse várias vezes que estava de saída para ir às compras, mas ia ficando. Depois que mencionei o jardim das traseiras e que talvez houvesse alguma coisa lá enterrada, ela não resistiu a ficar para ver o que seria. Bebido o chá e despachados os biscoitos até mal restar um, encarei aquelas suíças sem medo. E, sem rodeios, ele disse-me:

— Bom, então vamos lá a isto.

Nas traseiras — uma longa faixa de jardim ressequido —, fui para a esquerda, em direção ao estendal e a uma bânscia moribunda, nas últimas. Olhei momentaneamente por cima do ombro e observei aquela casinha com o seu telhado de chapa. O sol ainda lhe dava em cheio, mas já começava a pôr-se do lado oeste. Escavei com a pá e com as mãos e ali estava.

— Chiça! — Era a cadela. Escavei mais. — Chiça! — Era a cobra. Uma e outra reduzidas a ossos, que juntámos com cuidado ali no relvado. — Macacos me mordam! — Foram três exclamações, a mais veemente quando finalmente dei com a velha *Remington* cor de chumbo. Qual arma escondida, estava protegida por três voltas de plástico resistente e tão transparente que consegui ver as teclas — primeiro, o «Q» e o «W»; depois, as teclas do meio, o «F», o «G», o «H» e o «J».

Durante um bocado, fiquei ali a olhá-la. A vê-la, apenas.

As teclas eram pretas, como os dentes de um monstro — mas um monstro amigo.

Por fim, estendi as mãos e tirei-a do buraco, as minhas mãos imundas a procederem com cuidado. Tornei a fechar os três buracos. Desembrulhámo-la do plástico e, acocorados, ficámos a vê-la, a examiná-la.

— Que coisa do diabo... — disse Mr. Merchison. Os cutelos de pelo iam estremeçando.

— De facto — concordei. Era glorioso.

— Ao acordar esta manhã, nem me passou pela cabeça uma coisa *assim*. — Agarrou na máquina e depois estendeu-ma.

— Não janta conosco, Matthew?

Fora a idosa a dizer isto. Ainda estava meio pasmada, mas não era lá por isso que se ia deixar de jantar.

Ali acorçado, ergui o olhar.

— Obrigado, Mrs. Merchison, mas ainda me sinto cheio dos biscoitos. — Tornei a observar a casa, agora embrulhada em sombra. — E, na verdade, tenho de ir andando. — Despedi-me com um aperto de mão a cada um. — Nem sei como vos agradecer. — Saí dali, a máquina de escrever sã e salva nos meus braços.

Mas Mr. Merchison não era de se deixar levar em cantigas.

— Ei! — chamou num tom firme. Que alternativa tinha eu? De certeza que havia alguma razão para termos desenterrado aquelas duas criaturas. Parado sob o estendal (dos giratórios, como o nosso, e já velho), voltei-me e fiquei à espera do resto. Que veio de seguida. — Não se esqueceu de nada, amigo? — perguntou ele.

Com o queixo, indicou-me as ossadas da cadela e as da cobra.

E fiz-me de novo à estrada.

Naquele dia, no banco traseiro da minha velha carrinha, iam o que restava das ossadas de uma cadela, uma máquina de escrever e o sinuoso esqueleto de uma cobra-mulga.

Mais ou menos a meio do trajeto, encostei na berma. Conhecia um sítio ali perto, era só fazer um pequeno desvio, tinham camas e ia poder descansar como deve ser, mas resolvi não ir. Deitei o banco e ali fiquei, com a cobra junto à minha cabeça. Quase a adormecer, ocorreu-me que os «antes do começo» estão por toda a parte — porque antes de tantas e tantas coisas houvera um rapaz naquela velha cidade nas traseiras de tudo, um rapaz que se ajoelhara no chão depois de a cobra matar aquela cadela e de a cadela matar aquela cobra... Mas ainda falta muito para lá chegarmos.

Por agora, só têm de saber isto.

Cheguei a casa no dia seguinte.

Regressei à minha cidade e aqui a Archer Street — onde tudo começou *de facto*, antes de seguir por tantos e tão variados caminhos. A discussão quanto ao exato motivo para eu ter trazido comigo o raio da cadela e o raio da cobra terminou há horas e quem tinha de se ir embora, foi, e quem tinha de ficar, ficou. A discussão com o Rory mal cheguei a casa quanto ao que vinha no banco traseiro da carrinha foi a cereja no topo do bolo. Logo ele, que devia era ficar calado. Ele, melhor do que ninguém, sabe quem somos, como somos e o porquê de sermos assim.

Somos uma misturada de tragédias.

Um *cabum!* como os da banda desenhada, feito de rapazes, de sangue e de animais com fartura.

Nascemos para colecionar relíquias assim.

No meio da discussão, o Henry arreganhou um sorriso, o Tommy deu uma gargalhada e os dois disseram:

— É tal e qual como antes.

O irmão número quatro estava a dormir e assim estivera durante toda a minha ausência.

Ao entrarem, as minhas duas miúdas admiraram-se ao ver as ossadas e perguntaram:

— Trouxeste isto cá para casa porquê, pai?

*Porque o vosso pai é um idiota.*

Vi logo que era isto o que o Rory estava a pensar, mas ele jamais se atreveria a dizê-lo diante das minhas filhas.

Quando a Claudia Dunbar — antes, Claudia Kirkby — abanou a cabeça e deu-me a mão, e estava feliz, raios, ela estava tão feliz que quase me desmanchei outra vez a chorar. A chorar de satisfação — só podia ser isso.

Satisfação.

Parece uma palavra um bocado estúpida, mas, se a estou a escrever e a contar-vos tudo isto, é pura e simplesmente porque é exatamente assim que agora nos sentimos. Sobretudo eu, porque passei a amar esta cozinha e toda a história tão memorável quanto terrível que encerra. É aqui que vou ter de fazer isto. Está certo que o faça aqui. Sinto satisfação ao ouvir as anotações que fui fazendo passarem para estas folhas.

Diante de mim, a traquitana.

Numa mesa de madeira que já viu melhores dias.

Um saleiro e um pimenteiro descasados e, a fazerem-me companhia, migalhas de torrada que teimaram em ficar na mesa. A luz do corredor é amarelada e a luz aqui na cozinha é branca. Aqui sentado, vou pensando e vou martelando as teclas. Martelo-as sem descanso. Escrever é sempre difícil, mas torna-se mais fácil quando há algo a contar.

Deixem que vos conte a respeito do nosso irmão.

O irmão Dunbar número quatro, aquele que se chama Clay.

Foi a ele que tudo aconteceu.

E o que lhe aconteceu transformou-nos a todos.

## **PRIMEIRA PARTE**

---

### **CIDADES**

## retrato de um assassino quando homem de meia-idade

Se antes do começo (enfim, do começo escrito) houve uma máquina de escrever, uma cadela e uma cobra, então no começo propriamente dito — onze anos antes — houve um assassino, uma mula e o Clay. Mas, mesmo nos começos, alguém tem de ser o primeiro e não poderia ter sido outro senão o Assassino a fazer isso, e fê-lo naquele dia. Ele pôs isto tudo em marcha e foi ele a pôr-nos a todos a olhar para o passado. E fez isso apenas por chegar. E chegou às seis da tarde.

Bem vistas as coisas, foi muito apropriado ele chegar naquele dia, mais um tórrido entardecer de fevereiro; o cimento passara o dia inteiro a cozer ao sol, que ainda ia alto, ainda queimava. Era um calor denso, do qual seria impossível não nos darmos conta, e dir-se-ia que o calor estava a dar conta *dele*. Na história de todos os assassinos que jamais existiram, aposto que nenhum terá sido mais lastimável do que aquele.

Não chegava a um metro e oitenta, portanto era de altura média. Pesava 75 quilos, um peso normal.

Mas não se deixem enganar, o tipo era um destroço metido num fato; andava curvado, a vida vergara-o. Inclina-se para diante, era como se estivesse à espera de que o ar desse o golpe de misericórdia, mas isso não iria acontecer, pelo menos não naquele dia, porque — foi uma coisa repentina — deu ideia de que não era altura de os assassinos terem benesses.

Não, naquele dia ele apercebeu-se.

Foi uma sensação tão forte que ele quase a conseguiu cheirar.

Era imortal.

Basicamente, era isso.

Era mesmo típico dele; tornar-se impossível de matar precisamente na altura em que melhor seria estar morto.

Então, ficou uma eternidade — dez minutos foram, de certeza — ali parado no começo de Archer Street, aliviado por finalmente ter

chegado, mas aterrorizado por ali estar. À primeira vista, a rua não era nada de abrir a boca; soprava uma brisa, só mesmo ao de leve, mas trazia fumo arrastado, isso era palpável. Os carros estacionados pareciam beatas num cinzeiro e as linhas de alta tensão abaulavam de tantos pombos lá pousados, todos eles mudos, mas desassossegados, via-se. A toda a volta, uma cidade inteira ergueu-se para o saudar.

Bem-vindo de volta, Assassino.

Isto como uma voz reconfortante a falar-lhe ao ouvido.

Tens um problemazito a resolver, parece... Quer dizer, chamar-lhe «problemazito» está quilómetros para lá de um eufemismo; estás metido num sarilho de todo o tamanho.

E ele sabia disso.

E o calor a apertar.

Era Archer Street a preparar-se, quase parecia que estava a esfregar as mãos, e digamos que o Assassino se sentiu a entrar em combustão. Sentia o calor a subir, vinha de dentro do casaco, e, com o calor, vieram as perguntas.

Seria ele capaz de avançar e de concluir o que começara?

Conseguiria, de facto, levar aquilo até ao fim?

Saboreou aquele luxo — o frémito da inação — ainda um derradeiro instante, depois engoliu em seco, passou os dedos pela coroa de espinhos — o cabelo — e, sombrio, mas resolutivo, continuou até ao número dezoito.

Um homem a sufocar num fato.

Claro que, naquele dia, o seu adversário seriam cinco irmãos.

Nós, os irmãos Dunbar.

Começando de cima:

Eu, o Rory, o Henry, o Clayton e o Thomas.

Depois daquele dia, nunca mais fomos os mesmos.

Mas, para ser justo, o mesmo se pode dizer dele; e, para vos dar pelo menos um cheirinho daquilo em que o Assassino estava prestes a meter-se, talvez seja melhor explicar quem nós éramos.

Muitos consideravam-nos uns rufiões.

Uns bárbaros.

E, olhando ao quadro geral, tinham razão.

A nossa mãe tinha morrido.

O nosso pai tinha-se pirado.

Praguejávamos que nem uns condenados, lutávamos que parecíamos pugilistas no ringue e éramos impiedosos uns com os outros fosse a jogar bilhar, pingue-pongue (sempre em mesas em terceira ou quarta mão, amiúde armadas no relvado todo aos altos e baixos no nosso pátio

das traseiras), *Monopólio*, rãguebi, aos dardos ou às cartas — basicamente, em qualquer jogo que nos lembrássemos de jogar.

Tínhamos um piano, mas nenhum de nós tocava.

A nossa televisão levava com a pena perpétua.

O sofá não levava com a perpétua, mas uns bons vinte anos ia cumprir de certeza.

Por vezes, se o telefone tocava, um de nós lá se levantava e atravessava o alpendre a correr para dar um pulo à casa ao lado; aquilo era apenas a velha Mrs. Chilman, que comprara um frasco de molho de tomate e não conseguia abrir aquela porcaria. Feito isso, quem quer que tivesse lá ido voltava, batia com a porta da frente ao entrar e a vida continuava.

Sim, para nós os cinco, a vida continuava, nunca parava.

Cada um de nós assegurava-se de que os outros quatro se aguentavam à bronca, corresse tudo bem ou tudo mal. Isto na altura em que íamos sempre à rua mais ou menos no final da tarde. Íamos dar uma volta pela cidade. Havia as torres e as ruas. Havia as árvores agitadas pelo vento. Ouvíamos as conversas abrutalhadas que se escapavam dos *pubs*, das moradias e dos apartamentos e isso convencia-nos de que pertencíamos de facto ali. Era quase como se quiséssemos levar tudo isso connosco para casa, como se pudéssemos levar aquelas conversas debaixo do braço. No outro dia acordávamos e víamos que não ficara nada, andava tudo de novo lá fora à solta, por entre os edifícios e a luz do dia, mas não importava.

Ah... E falta uma coisa.

Talvez o mais importante.

Tínhamos um pequeno catálogo de animais de estimação disfuncionais e não sabíamos de mais ninguém que pudesse afirmar ter uma mula em casa.

Que era teimosa que nem uma mula.

A criatura em questão chamava-se *Aquiles*, e a história de como viera acabar no nosso pátio traseiro nos subúrbios, num de vários bairros-hipódromos que havia na cidade, daria pano para mangas. Por um lado, envolvia os estábulos e o picadeiro abandonados nas traseiras da nossa casa, uma lei municipal já caída em desuso e um velho triste e gordo que dava erros a escrever. Por outro lado, fora por causa da nossa mãe que já morrera, do nosso pai que se pirara e do mais novo de nós, Tommy Dunbar.

Na altura, nem chegaram a ser consultados todos quantos moravam cá em casa; a chegada da mula deu muita celeuma. Depois de, pelo menos, uma discussão mais acalorada com o Rory...

«Ei, Tommy, mas o que raio se passa aqui?!»

«O que é?»

«Como assim, “o que é”?! Estás a gozar comigo?! Temos um burro no quintal!»

«Não é um burro, é uma mula.»

«Qual é a diferença?»

«Um burro é um burro, enquanto uma mula resulta do cruzamento de...»

«Dá-me igual que seja um cavalo de corrida cruzado com um maldito pónei escocês! O que raio está ela a fazer debaixo do estendal?!»

«Está a comer a relva.»

«Isso já eu vi!»)

... não sei como, lá acabámos por ficar com a mula.

Ou talvez seja mais correto dizer que a mula ficou por aqui.

E, tal como de um modo geral acontecia com os animais de estimação do Tommy, também no caso do *Aquiles* houve uns quantos problemas. O mais proeminente derivava de aquela mula ter pretensões; sabe-se que, com a porta de rede que dava para as traseiras fora do caminho, ela entrava cá em casa sempre que a porta das traseiras ficasse entreaberta — aberta de par em par então, nem vos digo nada. Acontecia pelo menos uma vez por semana e, pelo menos uma vez por semana, eu passava-me por completo. E era mais ou menos assim:

— Maldição! Cristo me valha! — No que toca a blasfémias, naqueles tempos eu andava fora de controlo; juntava «maldição» e «Cristo» como quem diz «ai». — *Fechem* a maldita porta das traseiras! Já vos disse isto aí umas *mil* vezes, seus filhos da mãe!

E por aí fora.

O que, uma vez mais, nos traz de volta ao Assassino e à pergunta: como terá ele sabido?

Poderá ter calculado que, quando cá chegasse, talvez nenhum de nós estivesse em casa. Talvez já soubesse que teria de optar entre usar a sua antiga chave ou esperar no alpendre — para fazer a pergunta (e era só uma) que o trouxera ali, para fazer a sua proposta.

Claro que já vinha a contar com o nosso desprezo; parecia encorajá-lo, até.

Só não esperava uma coisa assim.

Não contara com um tal ataque.

Esta casinha a trazer-lhe todo o sofrimento de volta, aquele silêncio dilacerante.

E aquela mula dissimulada e gatuna.



Aí às seis e um quarto, mais ou menos, ele avançou muito devagar por Archer Street e a mula pestanejou, surpreendida.

E foi assim.

O primeiro olhar que o Assassino encontrou pela frente ao entrar cá em casa foi o do *Aquiles* e o *Aquiles* não era para brincadeiras. Estava na cozinha, a poucos passos da porta das traseiras, diante do frigorífico, com aquela sua expressão do costume, como quem diz «o que é, nunca viste?» estampada no focinho comprido e meio de esguelha. Ali estava ele, de narinas frementes e a mastigar em seco. Imperturbável. No controlo da situação. Chiça, se estava a tomar conta da cerveja, estava a fazer um serviço de primeira.

*Sim...? Diz.*

Ao que parecia, para já a despesa da conversa seria por conta do *Aquiles*.

Primeiro fora a cidade. E agora era a mula.

Em teoria, vislumbrava-se nisso algum sentido. A aparecer algures nesta cidade, um qualquer membro da espécie equídea teria de vir aparecer ali; havia os estábulos e o picadeiro e ouvia-se o ecoar das vozes dos animadores das corridas.

Mas uma mula?

Foi um choque indescritível e o cenário tão-pouco terá ajudado. A nossa cozinha era toda uma geografia com o correspondente microclima.

Paredes encobertas.

Chão a atravessar um período de seca grave.

Um litoral de pratos sujos a estender-se até ao lava-louça.

E ainda havia o calor, meu Deus, o calor.

Até a mula aliviou momentaneamente a hostilidade naquele seu ar vigilante, para compensar aquele calor horrível, que não era para os fracos. Era pior aqui na cozinha do que na rua, e olhem que não é dizer pouco.

Mas depressa o *Aquiles* voltou à atitude de antes, ou estaria o Assassino tão desidratado que entretanto começara a alucinar? Com tantas cozinhas que havia no mundo... Ainda lhe passou pela cabeça esfregar os olhos com força, a ver se desembaciava a vista, mas não valia a pena.

Era mesmo verdade.

Teve a certeza de que aquele animal — uma sacana de uma mula ali toda descontraída, de olhos bem abertos e de narinas a fremirem, de focinho áspero e com um pelo cinzento com manchas cor de cenoura e castanho-claras — não arredaria os cascos dali do chão rachado; aquela sua postura vitoriosa deixava irrefutavelmente clara uma e uma única coisa, a saber:

Haveria, certamente, muitas coisas que um assassino podia fazer, mas jamais, quaisquer que fossem as circunstâncias, devia regressar a casa.